

A ida curtida ao teatro

Felipe Osmar Lopes

Programa de Pós-Graduação – USP

Curso de Especialização em Linguagens da Arte – Or. Prof^a. Dra. Ingrid Dormien Koudela

Professor de teatro da Casa do Teatro/ Célia Helena Teatro-escola

Resumo: Os alunos do curso livre de teatro, de 14 a 16 anos, elaboravam diversas cenas utilizando o conceito de metateatro. Era perceptível a fragilidade do referencial deste conceito. “A ampliação do referencial do aluno requer seu envolvimento em processos de leitura de outros espetáculos - *descrever, interpretar, analisar e avaliar.*” (CABRAL, 2009, p.3) Ao assistir ao espetáculo “*In On It*”, ressalta-se o modo de proposição do metateatro. Propôs-se então uma ida ao teatro elaborada em três etapas: preparação de cenas metateatrais anterior ao espetáculo, ida curtida ao teatro e re-criação em sala. O foco deste artigo encontra-se na narração e análise deste processo específico de ida ao teatro, tido como aspecto essencial para o aprofundamento do conceito de metateatro.

Palavras-chave: pedagogia teatral, apreciação teatral, metateatro, mediação teatral.

No cotidiano das aulas da Casa do Teatro com um grupo formado por adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, o conceito de metateatro surgiu como algo a ser explorado. A turma lidava constantemente com este conceito nas apresentações das cenas propostas e o citava no momento de avaliação dos jogos realizados em aula. Isso evidenciou que este conceito os interessava demais.

Foram propostas, então, diversas problematizações cênicas partindo do seguinte conceito de metateatro: “Teatro cuja problemática é centrada no teatro que fala, portanto, de si mesmo, se auto-representa” (PAVIS, 2005, p. 240).

Este processo de problematização cênica durou cerca de dois meses de aula, as respostas práticas encenadas pelo grupo evidenciavam um conhecimento superficial das possibilidades metateatrais, invariavelmente eles inseriam na cena, como solução para o uso do metateatro, um diretor-personagem que interrompe a cena, reclama da interpretação dos atores, faz alguns ajustes espaciais e dá continuidade à encenação. Mostrou-se essencial um aprofundamento na metateatralidade que pudesse desvendar outros modos cênicos metateatrais.

Esta necessidade de aprofundamento sugeriu a ideia de levá-los ao teatro. Planejou-se que o grupo assistiria ao espetáculo “*In on it*”¹ para que pudesse entrar em contato com uma produção profissional que desenvolvia o conceito de metateatro. Iniciou-se um processo de preparação para a ida ao teatro. Nas aulas anteriores à ida, foram colocadas, com base nas cenas que os alunos prepararam em sala de aula, algumas

¹ Espetáculo dirigido por Enrique Diaz, naquela ocasião, junho de 2010, em cartaz no Teatro Eva Herz – Livraria Cultura de São Paulo.

questões reflexivas sobre o espetáculo que seria visto: Você consegue estabelecer alguma relação entre a peça assistida e o trabalho que desenvolve nas aulas de teatro? A peça trabalha com elementos do metateatro? Como estes elementos são usados? Qual é o enredo da peça? Como ele é contado? Como é o trabalho dos atores? Como são criados os diferentes cenários necessários para a história? A iluminação do espetáculo tem algo que chama a atenção? A iluminação do espetáculo faz parte da narrativa? Alguma cena que você já fez em sala de aula se relaciona ao espetáculo? Como? Por quê?

Deixou-se claro que este não era um roteiro de questões que exigia respostas e preocupações durante a peça, ele deveria somente inspirá-los para assistir e depois discutir, em sala de aula, sobre o que viram.

No dia da peça, ao observar os alunos na plateia, percebia-se um grande envolvimento com a obra e um alto nível de atenção. Após a apresentação, os alunos subiram no palco e foi mostrada a eles toda a estrutura física do teatro, eles puderam ter contato com o cenário da peça e fazer perguntas técnicas para o contrarregista. Tiveram a oportunidade também de conversar com um dos atores. O intuito desta visita ao palco era aproximá-los de todas as esferas da criação cênica. Os alunos mostraram grande animação por terem subido ao palco e conhecido aquele teatro sob outro ponto de vista, o ponto de vista da criação e da execução cênica.

A aula seguinte iniciou com a solicitação de uma resposta cênica à experiência de assistir ao espetáculo "*In on it*". Foi perceptível o desenvolvimento qualitativo das cenas que apresentaram. Construíram outras ideias relativas ao metateatro, inseriram outras abordagens metateatrais, estavam mais apropriados deste elemento. As cenas foram muito mais conscientes das suas próprias estruturas.

Na avaliação das cenas, retomaram-se as questões feitas anteriormente, percebeu-se que a qualidade da reflexão sobre o espetáculo foi aprofundada. Eles criaram relações interessantíssimas sobre a peça e a experiência teatral cotidiana que vinham vivenciando em aula.

Esta ida curtida ao teatro, ou melhor, esta saída da sala de aula preparada e aproveitada em diversos aspectos do conhecimento, gerou uma transformação do entendimento de vários conceitos teatrais, principalmente do conceito de metateatro. Os elementos detonadores deste aprendizado foram a curiosidade e o interesse anterior do grupo pelo conceito de metateatro.

(...) A integração das atividades propostas nas salas de aula com a ida aos espetáculos teatrais possibilita à criança e ao adolescente o desenvolvimento da capacidade expressiva e maior domínio da linguagem

teatral, ampliando sua compreensão de jogo de cena e aprofundando sua capacidade de entendimento da obra. (DESGRANGES, 2010, p. 73).

Partindo do interesse deles e da experiência que se desenrolava, procurou-se o espetáculo que traria um melhor esclarecimento das questões que surgiram em sala de aula. Nenhum outro espetáculo, naquele momento, poderia ser mais indicado do que “In on it”. A partir desta escolha foram pensadas todas as estratégias de preparação para o espetáculo, ida ao teatro, visita técnica, re-criação cênica e debate em aula. Todas estas etapas giraram sempre em torno do conceito de metateatro que era o que mais lhes chamava atenção.

No entanto, abriu-se um leque de elementos possíveis de serem trabalhados após o contato com a obra. Iluminação, sonoplastia, figurino, cenário, dramaturgia, direção e interpretação foram os que brotaram no trabalho seguinte à ida curtida ao teatro. Interessante foi perceber que estes conhecimentos não permaneciam apenas na teoria, eles conseguiram começar a aplicá-los também em resultados práticos.

Esta experiência confirmou que quando se lida com alunos que praticam teatro, vivenciam jogos teatrais ou jogos dramáticos em cursos livres, quanto mais a ida ao teatro estiver relacionada à experiência que vivenciam, mais aprendizagem essa atividade poderá proporcionar. Que a apreciação estética teatral é fundamental para o aprendizado desta linguagem artística, não há dúvida. Porém, ficou claro que esta apreciação não deve ser realizada de forma leviana e descolada da experiência do grupo.

A estratégia de preparo da ida ao teatro precisa estar de acordo com a proposta da encenação da peça escolhida e a proposta pedagógica pela qual se exercita o grupo. “(...) O processo de construção precisa carregar uma tensão e um interesse investigativo que sustentem esta prática, possibilitando uma rica experiência artística e efetiva apreensão da linguagem.(...)” (DESGRANGES, 2010, p. 72). Muitas vezes grupos de estudantes de teatro vão assistir a um espetáculo, sem nenhum preparo anterior e nenhum trabalho posterior. Alguns professores se contentam com um simples debate e escolhem as peças somente pela facilidade de acesso, por vezes nem assistem às peças antes de levarem seus alunos. Até que ponto este tipo de experiência é válida dentro de um processo pedagógico?

Alguns podem afirmar que qualquer experiência de apreciação teatral é válida pedagogicamente, isso não deixa de ter um fundo de verdade. Mas, uma ida ao teatro que se relaciona totalmente com as questões que estão sendo tocadas em sala de aula, pode ter uma potencialidade cognitiva de outra ordem. É preciso apaixonar os alunos pelo ato cognitivo-criativo.

Ingrid Koudela distingue dois métodos que se relacionam à mediação teatral, são eles:

O método discursivo aposta principalmente na mediação de informações (palestras introdutórias, documentos em forma de textos) e na troca verbal de opiniões (debates). Ele visa principalmente ao conhecimento cognitivo e racional.

O método apresentativo utiliza técnicas criativas e lúdicas na preparação para a visita ao teatro e leitura do espetáculo após a volta à escola, como jogos, desenhos e rodas de conversa, através das quais os alunos contam a sua experiência sensível. Visa primordialmente à compreensão associativa e emocional.

A combinação das duas abordagens metodológicas permite que o aluno espectador se ocupe intensivamente e com todos os sentidos na sua relação com o evento espetacular, tornando-se capaz de refletir sobre a experiência sensível (KOUDELA, 2008, p.16).

Na intersecção destas duas abordagens descritas e, na opção por um espetáculo coerente com o histórico pedagógico do grupo, um professor curioso pode levar a sua turma a curtir realmente uma ida ao teatro.

A ida ao teatro tem importância comprovada para a apreensão da linguagem, mas se ela não for bem inserida pedagogicamente, corre-se o risco de gerar uma experiência catastrófica para os alunos. Alguns métodos de mediação, quando mal inseridos, podem afastar os alunos de se relacionarem com o teatro criando uma verdadeira aversão por esta arte.

Não propiciar oportunidades para os alunos assistirem a teatro também pode ser empobrecedor para um processo de aprendizagem. Muitos professores passam longos períodos com determinados grupos e ignoram a possibilidade de criar processos de mediação de obras teatrais. Disso pode resultar uma superficialidade criativa dos alunos e do próprio professor. Ambos os lados partem apenas do cotidiano de aula para estruturar todo o processo criativo, cria-se um ciclo vicioso dentro da realidade daquela turma, faltando referências externas comuns aquele coletivo.

São várias as estratégias que o professor pode selecionar para preparar sua ida ao teatro, sugerem-se aqui duas referências: 1) Ingrid Koudela, que em seu artigo *Ida ao teatro*, enuncia algumas atividades para aprofundar a experiência de apreciação estética; 2) Flávio Desgranges, que no capítulo “Práticas teatrais e formação de espectadores”, de sua obra *A pedagogia do espectador*, descreve as metodologias das animações teatrais europeias das décadas de 70 e 80.

Com curiosidade e disponibilidade para criação, o professor pode partir destas referências e criar a sua própria ida curtida ao teatro, de acordo com a realidade da sua turma. Este processo de seleção do espetáculo, opção de estratégias e avaliação dos resultados pode ser tão apaixonante para o aluno quanto para o professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Beatriz A.V. *Teatro e pressupostos curriculares*. Florianópolis: Secretaria municipal de educação, 2009.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. 2.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

KOUDELA, Ingrid. A ida ao teatro. *Sistema Cultura é currículo*. São Paulo. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Escola%20em%20Cena/>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução de Jacó Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.